

Porto Alegre, 15 de Dezembro de 2018.

Pois então....falar entre pessoas conhecidas, amigas e queridas não é uma tarefa difícil. O difícil é falar com toda esta emoção.

Meus colegas sugeriram meu nome para representa-los como orador, então solicitei que cada um me enviasse algumas frases que eles gostariam que eu falasse. Bem, escrevi algo e vou tentar falar. Aqui, neste grupo, no ITI, eu me sinto seguro e confortável para aceitar este propósito de representar aqui os meus colegas e expressar algumas reflexões.

Esta introdução é necessária para eu relaxar um pouco.

Olho para vocês e busco no pensamento o que me trouxe aqui. Muitos de vocês eu já conhecia antes de vir pra cá, então a familiaridade com estes rostos de certa forma me ajudou iniciar esta caminhada.

Não somente isto, pois era o início de um curso de especialização pais-bebês, era chegar mais perto de algo que eu já tinha começado a me aproximar havia um tempo.

Assim como o nascer de um bebê uma mulher quando rodeada por outras mulheres se sente protegida, chegar perto de vivências regressivas como essas é aconselhado estar num grupo, como o ITI.

Sem esquecer que não se faz sozinho, assim como um bebê que sem a mãe não existe.

Nossa paraninfa, Ivanosca, já nos falava em aula: para esta caminhada há que se ter coragem. E estar num grupo é melhor, pois nos sentimos mais protegidos e reforçados.

É inevitável que após estes 3 anos de convivência com vocês que não se faça alusões e comparações com o desenvolver de um bebê.

Pois então...este bebê está hoje com 3 anos e já consegue falar frases e se comunicar bem, apesar do vocabulário ainda limitado, já conseguiu conquistar o espaço do vaso sanitário e não usar mais as fraldas. Se sente mais autônomo e confiante e até consegue dormir na casa da avó ou da dinda. Mas, chegou a hora de ir para a escola.

O primeiro dia da escola eu sei que é segunda-feira, mas hoje é sábado e ainda estou em casa. De repente me pego pensando na segunda-feira, mas logo me foco

em algo que desvia meu pensamento. Mas, não adianta muito, pois logo me lembro que a segunda está no pensamento novamente. É um aperto no peito invade e penso, e se eu paro eu penso, e se eu penso...não posso falar esta palavra, pois se não eu...choro. Mas, eu já sou grande...mas, nem tanto. Tomara que eu nunca seja grande para deixar de chorar.

Conversando com os colegas nessas últimas semanas pude perceber que estava difícil para todos, e a Adriana falou ontem: **“eu já terminei vários cursos antes, mas este está muito difícil de se despedir, de terminar”**. Fiquei pensando: porque este está diferente? Porque o convívio com este grupo foi bom, sim deve ter sido, mas outros também devem ter sido. O grupo de professores foram bons, sim foram, como os outros também devem ter sido. Acho que posso ponderar que esse grupo foi bom o suficiente, nos mostraram que não são perfeitos e nos mostraram que eles não sabem tudo e nem sempre tomam decisões acertadas, se esquecem e se atrapalham.

Assim a Ana Paula me enviou uma mensagem lembrando, que quando nos foi dado um prazo para o término do trabalho de conclusão mais longo e depois foi mantido o prazo curricular, mais curto. ***“A falha é importante para o bebê poder criar”***.

Seguindo nos colegas, a Adriana me enviou uma mensagem durante a semana... ***“tava difícil, mas tentei transformar em palavras meus sentimentos...”***

Pois então, falando nisto: como é difícil trazer palavras para vivências, emoções tão profundas. Por em palavras o que é indizível muitas vezes.

Ela disse: ***“vê se tu consegue aproveitar alguma coisa”***:

... “Winnicott fala que o sucesso do ensino vai depender da capacidade que a criança tem de crer. Esta capacidade não é uma questão de educação e sim, de experiência de desenvolvimento do bebê e da criança, o que diz respeito aos cuidados de que eles são alvo.

Realizar este curso foi uma grande oportunidade de vivenciar a capacidade de crer... Crer que todos podem aprender e que as bases de todo este processo estão um momento em que nem se pensa em aprendizagem formal.

A partir das vivências e estudos que nossa turma teve durante os três anos de curso, passei a acreditar mais no primitivo e nas experiências

fundamentais que todos nós temos muito antes que as letras, cores e números tenham algum significado”.

A palavra que a Adriana usou: CRER. Me fez pensar que crer é acreditar, tomar por verdadeiro, em suma, confiar. Assim me ajuda o dicionário.

Mas, voltando para o que eu estava refletindo antes: porque está difícil terminar este curso? Ponderei também que esta criança de 3 anos está indo para escola ainda com o mundo primitivo muito próximo. Ficar sozinho em meio a estas descobertas tão fascinantes, mas também tão cheias de angústias, não é factível colocar palavras nelas, isto é, significá-las.

Portanto, a confiança me vem a mente para me auxiliar neste momento é daquela criança que dá vários passos em direção a algo, mas esse algo logo vira nada e tenho que parar e olhar para trás.

A Sandra já está com as ideias dela em Londres e com a cabeça lá ela me trouxe um pensamento que nos remete as nossas homenageadas: ***“a Ivanosca, nossa paraninfa, que nos viu nascer neste grupo e nos acompanhou nos primeiros 2 anos, nos dando uma base segura para a Giovana nos pegar já caminhando e nos ajudou na independência relativa necessária para podermos seguir adiante”.*** A Sandra termina dizendo em inglês, é obvio: ***“Sorry!!! Se der te mando mais alguma coisa por escrito, mas tenho certeza que farás um belo texto e na hora nos emocionará”.***

Não sei se conseguirei, mas tento trazer estas reflexões da forma mais livre possível.

A Carina, nossa colega mais quieta, mas que quando fala, traz um pensamento que com frequência me causa aquela velha reflexão: lago quieto e espelhado, lago profundo. Traz o seguinte:

“É com emoção que penso na conclusão do curso. Ao longo desses 3 anos, além de todo acervo teórico, pudemos ter vivências que nos aproximaram do contato com o primitivo. O grupo de professores e de colegas que tive a oportunidade e privilégio de conhecer foi essencial para que essas vivências pudessem ocorrer, e percebo que foi na possibilidade de criação e sustentação deste espaço por todos que tornou este grupo tão especial.

Winnicott sugere que encontremos no aspecto "cuidar-curar" de nosso trabalho profissional, um contexto para aplicar os princípios que aprendemos em nossas vidas, quando éramos pessoas imaturas e nos foi dado um "cuidar-curar" satisfatório por nossas mães e pais satisfatórios! Esse foi o contexto que o curso nos proporcionou que é do cuidar de modo satisfatório para que então possamos em nosso trabalho curar!"

A Larissa, como sempre a nossa atrasada, ela sempre está vindo. Mas, a gente sempre te espera. Diz o seguinte:

"Quando passa para a dependência relativa o bebê começa a dar seus primeiros passos rumo ao mundo de possibilidades que o espera. Nessa jornada ele é guiado pelo olhar da mãe, que está disponível para ser o farol que ilumina seus caminhos, e também o porto seguro para poder retornar ao colo acolhedor.

Penso que o ITI fez esta função em nossa trajetória. Nos guiou nossos passos rumo ao universo primitivo. E agora nos larga para o mundo, mas nos deixa com a certeza de ser um lugar seguro e de sustentação, para onde sempre poderemos voltar".

Na nossa turma, somos seis. Três vieram do Vale do Paranhana, que por sinal o vale está bem representado aqui no corpo docente do ITI. Se expandiu aqui no ITI como erva das boas, um manjeriço bem aromático, que ao tocar nele deixa um perfume inconfundível, ou uma hortelã que sempre nos avisa que já está lá quando chegamos num ambiente. Claro, que a maior representação do vale vem de Taquara, até porque a Ana e a Adriana pertencem a grande Taquara.

A Ana e a Adriana são as professoras, são as representantes do simbólico e fazem uma ponte estruturadas em letras e números, que nos mostram alternativas frente ao cognitivo e que fazem uma boa conexão com esta área psi. Obrigado pelas contribuições de vocês duas ao nosso grupo.

A Sandra é a nossa colega que entrou no grupo com um diferencial, uma psicóloga que já sabia se comunicar mesmo com aqueles que não conseguem escutar. Ela trouxe para o grupo um jeito meigo e tranquilo de se comunicar, que veio do silêncio. Silêncio esse que não está no pensamento dela, pois é bastante inquieto e criativo.

A Larissa e a Carina são as outras representantes da psicologia, que nos prestigiam por serem as mais novas do grupo e nos proporcionam este “link” entre as diferentes idades. Das três mais quietas do grupo, essas são as duas representantes. A Larissa é a nossa atual carioca de bombachas que nos ensinou como a tecnologia do vídeo “on-line” é capaz de nos conectar e manter as relações. E a Carina é a maior representante das quietas, mas como disse antes, quando fala contribui bastante.

E eu...como disse a Sandra ontem, no bom sentido diz ela: ***“eu sou o homem moleque do grupo”***. Traduzindo, para não deixar margens para o mal sentido, que este eu deixo em casa, mas que para o aqui e agora eu vou revelar somente o bom sentido, diz ela: ***“sou aquele que brinca e toca nas crianças e as faz rir, e cuida delas”***.

Estou terminando o que escrevi hoje a tarde, mas antes eu quero dizer que o terceiro ano deste curso é a cereja do bolo. Um bom aviso aos colegas que estão vindo na sequência.

A oportunidade de observar um bebê é fascinante, angustiante, difícil, um mergulho profundo e exigente, mas muito gratificante.

Eu vou ler pra vocês uma frase que tive a oportunidade de ler ao pé de uma escultura de uma mulher grávida, numa vila medieval na França, chamada Èze, que dizia o seguinte, que traduz eu após esta experiência desses últimos três anos:



Justine ou Isis

“Você me reconheceu,

Eu sou a mesma,

Portanto sou outra”.

E para finalizar, se vocês me permitem, eu vou ler uma pequena tentativa poética que tive hoje a tarde, mas vou contextualizar, pois nem todos conhecem.

Ao observar um bebê nesse ano, sua mãe cantava para ele uma cantiga de ninar, Frère Jacque. E caminhando numa vila medieval na França, Saint Paul de Vence, encontro um pequeno lugar que uma pessoa faz caixinhas de música. Então, a conexão se fez, através de uma cantiga de ninar de uma mãe.

A oportunidade de vivenciar a observação de um bebê é capaz de fazer isto conosco. Tentar ser como os poetas, sei que é muita pretensão, mas como diz um amigo argentino: “Jo no soy muy ambicioso”

Um poema de última hora

Nas ruelas de uma vila medieval,
me levado pelos aromas no ar,
da lavanda ao fermento de uma baguete,
do floral e frutado de uma bebida milenar,
os passos se encontraram com um encantador de sonhos
fazendo pequenas caixinhas de música.

A cantiga do Frère Jacque conectou o passado que um bebê
a milhares de distância e tempo estavam,
ainda presentes na longínqua memória,
fizeram o sentido maior desta jornada.

Obrigado!